

STEVEN
PINKER

"Meu novo livro favorito de todos os tempos." – Bill Gates

COMPANHIA DAS LETRAS

O NOVO
ILUMI
NISMO

Em defesa da razão, da ciência e do humanismo

I. Ouse entender!

O que é iluminismo? Em um ensaio com esse título escrito em 1784, Immanuel Kant respondeu que é “a saída do ser humano da menoridade de que ele próprio é culpado”, de sua submissão “preguiçosa e covarde” aos “dogmas e fórmulas” da autoridade religiosa ou política.¹ Seu lema, ele proclamou, é “ouse entender!”, e sua exigência fundamental é a liberdade de pensamento e expressão. “Uma época não pode firmar um pacto que impeça épocas posteriores de ampliar sua visão, aprimorar seu conhecimento e reabilitar-se de seus erros. Isso seria um crime contra a natureza humana, cujo destino apropriado reside precisamente nesse progresso.”²

Uma afirmação dessa mesma ideia no século XXI pode ser vista na defesa do iluminismo pelo físico David Deutsch em seu livro *The Beginning of Infinity*. Deutsch afirma que, se ousarmos entender, o progresso será possível em todas as esferas: a científica, a política e a moral:

O otimismo (no sentido que defendi) é a teoria de que todas as falhas — todos os males — decorrem da insuficiência de conhecimento. [...] Problemas são inevitáveis, pois nosso conhecimento sempre estará infinitamente longe de ser completo. Alguns problemas são difíceis, mas é um erro confundir problemas difíceis com

problemas sem probabilidade de solução. Problemas são solucionáveis, e cada mal específico é um problema que pode ser resolvido. Uma civilização otimista é receptiva à inovação em vez de temerosa, e se baseia em tradições que incluem críticas. Suas instituições aperfeiçoam-se continuamente, e o conhecimento mais importante que incorporam é o conhecimento de como detectar e eliminar erros.³

O que é o Iluminismo?⁴ Não existe uma resposta oficial, pois a época mencionada no ensaio de Kant nunca foi demarcada por cerimônias de abertura e encerramento, como os Jogos Olímpicos, e tampouco possuiu princípios estipulados em um juramento ou credo. Convencionalmente, situamos o Iluminismo nos dois últimos terços do século XVIII, embora tenha brotado da Revolução Científica e da Idade da Razão no século XVII e extravasado para o apogeu do liberalismo clássico na primeira metade do século XIX. Os pensadores do Iluminismo, provocados por contestações da ciência e da exploração à sabedoria convencional, informados sobre o banho de sangue das guerras religiosas recentes e apoiados na facilidade de movimentação de ideias e pessoas, buscaram uma nova compreensão da condição humana. Foi uma era exuberante em ideias, algumas contraditórias, mas todas ligadas por quatro temas: razão, ciência, humanismo e progresso.

O tema primordial é a razão. A razão é inegociável. Se você começar a discutir por que devemos viver (ou qualquer outra questão), se exigir que suas respostas, independentemente de quais forem elas, sejam sensatas ou justificadas ou verdadeiras e, portanto, que outras pessoas tenham de acreditar nelas também, estará comprometido com a razão e com a avaliação das suas crenças segundo critérios objetivos.⁵ Se existiu algo que os pensadores do Iluminismo tiveram em comum foi a exigência de que se aplicasse vigorosamente o critério da razão para entender o mundo, em vez de recorrer a geradores de ilusão como a fé, o dogma, a revelação, a autoridade, o carisma, o misticismo, o profetismo, as visões, as intuições ou a análise interpretativa de textos sagrados.

Foi a razão que levou a maioria dos pensadores iluministas a repudiar a crença em um Deus antropomórfico e atento aos assuntos humanos.⁶ A aplicação da razão revelou que os relatos de milagres eram duvidosos, que os autores de livros sagrados tinham lá as suas falhas demasiado humanas, que os eventos naturais aconteciam sem levar em conta o bem-estar das pessoas e que diferentes culturas acreditavam em deidades mutuamente incompatíveis, nenhuma das

quais com probabilidade menor de ser obra da imaginação. (Como escreveu Montesquieu, “se os triângulos tivessem um deus, atribuiriam a ele três lados”.) Entretanto, nem todos os pensadores iluministas eram ateus. Alguns eram deístas (em contraste com os teístas): para eles, Deus pôs o universo em movimento e então deixou de interferir, permitindo que se desenvolvesse de acordo com as leis da natureza. Outros eram panteístas que usavam “Deus” como *sinônimo* de leis da natureza. Mas poucos apelavam para o Deus legislador e milagroso das Escrituras.

Muitos autores atuais confundem a defesa iluminista da razão com a afirmação implausível de que os seres humanos são agentes perfeitamente racionais. Nada poderia estar mais distante da realidade histórica. Pensadores como Kant, Baruch Espinosa, Thomas Hobbes, David Hume e Adam Smith foram psicólogos inquisitivos e mais do que conscientes das nossas paixões e fraquezas irracionais. Asseveravam que só expondo as fontes comuns de insensatez poderíamos ter esperança de superá-las. A aplicação deliberada da razão era necessária justamente porque nossos hábitos comuns de pensamento não eram muito razoáveis.

Isso leva ao segundo ideal, a ciência, o refinamento da razão com o objetivo de entender o mundo. A Revolução Científica foi revolucionária de um modo que é difícil avaliar hoje, pois suas descobertas agora nos parecem nada mais do que naturais. O historiador David Wootton lembra-nos do que um inglês instruído sabia em 1600, às vésperas da Revolução Industrial:

Ele acredita que bruxas podem invocar tempestades para afundar navios no mar. [...] Acredita em lobisomens, ainda que por acaso essas criaturas não existam na Inglaterra — sabe que existem na Bélgica. [...] Acredita que Circe de fato transformou em porcos a tripulação de Odisseu. Acredita que camundongos surgem por geração espontânea em montes de palha. Acredita em magos contemporâneos. [...] Ele já viu um chifre de unicórnio, mas não um unicórnio.

Ele acredita que o corpo de uma pessoa assassinada sangrará na presença do assassino. Acredita na existência de um unguento que, se for aplicado na adaga que causou um ferimento, curará o ferimento. Acredita que a forma, a cor e a textura de uma planta podem dar uma pista de suas propriedades medicinais, pois Deus projetou a natureza para que fosse interpretada pelos homens. Acredita ser possível transformar metal sem valor em ouro, embora duvide que alguém saiba como fazê-lo. Acredita que a natureza abomina o vácuo. Acredita que o arco-íris é um sinal

de Deus e que cometas pressagiam males. Acredita que sonhos predizem o futuro se soubermos como interpretá-los. Acredita, obviamente, que a Terra é imóvel e que o Sol e as estrelas fazem um giro em torno dela a cada 24 horas.⁷

Um século e um terço mais tarde, um descendente instruído desse inglês não acreditaria em nada disso. Foi uma libertação não só da ignorância, mas também do terror. O sociólogo Robert Scott observa que na Idade Média “a crença de que uma força externa controlava o cotidiano contribuía para uma espécie de paranoia coletiva”:

Tempestades, trovões, relâmpagos, vendavais, eclipses do Sol ou da Lua, frentes frias, ondas de calor, secas e terremotos eram considerados símbolos e sinais da desaprovação divina. Como resultado, “os bichos-papões” do medo habitavam todas as esferas da vida. O mar tornava-se um reino satânico, e as florestas eram povoadas de feras predadoras, ogros, bruxas, demônios e os muito reais ladrões e assassinos. [...] Quando escurecia, o mundo se enchia de presságios dos mais diversos perigos: cometas, meteoros, estrelas cadentes, eclipses lunares, uivos de animais selvagens.⁸

Para os pensadores iluministas, a libertação da ignorância e da superstição mostrou o quanto a nossa sabedoria convencional pode ser equivocada e como os métodos da ciência — ceticismo, falibilismo, debate aberto e verificação empírica — são um paradigma de como alcançar o conhecimento confiável.

Esse conhecimento inclui compreender a nós mesmos. A necessidade de uma “ciência do homem” foi um tema que uniu pensadores iluministas que discordavam sobre muitas outras coisas; entre eles estavam Montesquieu, Hume, Smith, Kant, Nicolas de Condorcet, Denis Diderot, Jean-Baptiste d’Alembert, Jean-Jacques Rousseau e Giambattista Vico. Sua crença na existência de uma natureza humana universal possível de ser estudada cientificamente fez deles praticantes precoces de ciências que só viriam a ser nomeadas séculos mais tarde.⁹ Eles foram neurocientistas cognitivos que tentaram explicar o pensamento, a emoção e a psicopatologia com base em mecanismos físicos do cérebro. Foram psicólogos evolucionários que procuraram caracterizar a vida em estado de natureza e identificar os instintos animais “infundidos em nosso peito”. Foram psicólogos sociais que escreveram sobre os sentimentos morais que nos atraem mutuamente, as paixões

egoístas que nos dividem e as imperfeições da cegueira que atrapalham os nossos melhores planos. E foram antropólogos culturais que vasculharam relatos de viajantes e exploradores em busca de dados sobre elementos humanos universais e sobre a diversidade de costumes e práticas entre as culturas do mundo.

A ideia de uma natureza humana universal leva-nos a um terceiro tema, o humanismo. Os pensadores da Idade da Razão e do Iluminismo perceberam a necessidade urgente de um alicerce secular para a moralidade, pois viviam perseguidos pela memória histórica de séculos de carnificina religiosa: as Cruzadas, a Inquisição, as caças às bruxas, as guerras religiosas europeias. Esse alicerce foi assentado sobre o que hoje chamamos de humanismo, que privilegia o bem-estar dos homens, mulheres e crianças individualmente, acima da glória da tribo, raça, nação ou religião. Os indivíduos, e não os grupos, é que são *sencientes* — que sentem prazer e dor, satisfação e angústia. O que mobilizava a nossa preocupação moral, diziam os iluministas, era a capacidade universal de uma pessoa para sofrer e se desenvolver, fosse isso entendido como o objetivo de proporcionar a maior felicidade para o maior número, fosse como um imperativo categórico de tratar as pessoas como fins em vez de meios.

Felizmente, a natureza humana nos prepara para atender a esse chamado de mobilização. Isso acontece porque somos dotados do sentimento de *solidariedade*, que eles também chamavam de benevolência, piedade e compaixão. Como somos dotados da capacidade de nos solidarizarmos uns com outros, nada pode impedir que o círculo de solidariedade se expanda da família e da tribo para englobar toda a humanidade, sobretudo porque a razão nos incita a perceber que não pode existir nada do qual apenas nós mesmos ou qualquer um dos círculos a que pertencemos sejamos merecedores.¹⁰ Somos forçados ao cosmopolitismo, a aceitar que somos cidadãos do mundo.¹¹

Uma sensibilidade humanística impeliu os pensadores iluministas a condenar não só a violência religiosa, mas também as crueldades seculares de sua época, entre elas a escravidão, o despotismo, as execuções por ofensas triviais, como pequenos furtos e caça ilegal, e as punições sádicas, como açoitamento, amputação, empalação, estripação, o despedaçamento na roda, a incineração na fogueira. O Iluminismo às vezes é chamado de Revolução Humanitária por ter levado à abolição de práticas bárbaras que por milênios haviam sido comuns em várias civilizações.¹²

Se a abolição da escravidão e de castigos cruéis não for progresso, nada será,

o que nos leva ao quarto ideal do Iluminismo. Com nossa compreensão do mundo desenvolvida pela ciência e nosso círculo de solidariedade expandido pela razão e pelo cosmopolitismo, a humanidade pôde progredir nas esferas intelectual e moral. Não precisa resignar-se aos sofrimentos e irracionalidades do presente, nem tentar fazer o relógio voltar a uma era dourada perdida.

Não devemos confundir a crença iluminista no progresso com a romântica crença oitocentista em forças, leis, dialéticas, lutas, desdobramentos, destinos, idades do homem e poderes evolucionários místicos que impeliriam a humanidade de sempre para cima, em direção à utopia.¹³ Como indica o comentário de Kant sobre "aprimorar o conhecimento e reabilitar-se dos erros", a crença iluminista era mais prosaica, uma combinação de razão e humanismo. Se nos mantivermos informados sobre como andam as nossas leis e maneiras, descobriremos modos de melhorá-las, experimentaremos esses modos e conservaremos aqueles que aumentem o bem-estar das pessoas, poderemos gradualmente tornar o mundo um lugar melhor. A própria ciência evolui passo a passo nesse ciclo de teoria e experimentação, e seu avanço incessante, sobreposto a reverses e retrocessos localizados, nos mostra como o progresso é possível.

O ideal do progresso também não deve ser confundido com o movimento do século XX que visava à reengenharia da sociedade segundo conveniências de tecnocratas e planejadores, tendência essa que James Scott chama de alto modernismo autoritário.¹⁴ Esse movimento negava a existência da natureza humana, com suas tumultuantes necessidades de beleza, natureza, tradição e intimidade social.¹⁵ Os modernistas partiam do pressuposto de uma "toalha de mesa limpa" e criavam projetos de renovação urbana que substituíam batidos vibrantes por vias expressas, arranha-céus, enormes praças varridas pelo vento e arquitetura brutalista. "A humanidade renascerá e viverá em uma relação ordenada com o todo", eles supunham.¹⁶ Embora essas tendências às vezes fossem associadas à palavra "progresso", o uso do termo era irônico: "progresso" não guiado pelo humanismo não é progresso.

Em vez de tentar moldar a natureza humana, a esperança de progresso do Iluminismo concentrava-se em instituições humanas. Sistemas criados pelo homem, como governos, leis, escolas, mercados e organismos internacionais, são um alvo natural para a aplicação da razão em prol do melhoramento da nossa espécie.

Nesse modo de pensar, o governo não é uma autorização divina para reinar,

um sinônimo de “sociedade” ou um avatar da alma nacional, religiosa ou racial. É uma invenção humana, aceita tacitamente em um contrato social, criada para ampliar o bem-estar dos cidadãos, coordenando seu comportamento e dissuadindo as pessoas de certos atos egoístas que podem ser tentadores em termos individuais, mas pioram a situação de todos. Como determina o mais famoso produto do Iluminismo, a Declaração de Independência dos Estados Unidos, os governos são instituídos pelo povo para assegurar o direito à vida, à liberdade e à busca da felicidade, e derivam seus poderes do consentimento dos governados.

Entre os poderes do governo está a aplicação de punições, e autores como Montesquieu, Cesare Beccaria e os fundadores americanos repensaram a licença do governo para causar dano aos seus cidadãos.¹⁷ Argumentaram que a punição ao crime não é um mandato para implementar a justiça cósmica, e sim parte de uma estrutura de incentivo que dissuade de atos antissociais sem causar um sofrimento maior do que aquele que desencoraja. A razão pela qual o castigo deve ser adequado ao crime não é, por exemplo, equilibrar alguma balança mística da justiça, e sim assegurar que um transgressor se detenha diante de uma infração menor em vez de passar para outra mais danosa. Punições cruéis, sejam ou não “merecidas” em certo sentido, não são mais eficazes para evitar danos do que punições moderadas porém mais garantidas; elas dessensibilizam os espectadores e brutalizam a sociedade que as implementa.

O Iluminismo também trouxe a primeira análise racional da prosperidade. Seu ponto de partida não foi a maneira como a riqueza é distribuída, e sim a questão primordial de como a riqueza surge.¹⁸ Baseado em influências francesas, holandesas e escocesas, Smith observou que é impossível criar produtos em abundância com um agricultor ou artesão trabalhando sozinho. Isso depende de uma rede de especialistas, que aprenderam, cada qual, a produzir a sua mercadoria com a maior eficiência possível, e que combinam e trocam os frutos de seu engenho, sua habilidade e seu trabalho. Em um exemplo famoso, Smith calculou que um fabricante de alfinetes, labutando só, poderia produzir no máximo uma peça por dia, ao passo que em uma oficina onde “um homem puxa o fio, outro o endireita, um terceiro o corta, um quarto o afia, um quinto o aplaina na ponta para receber a cabeça”, eles produziram quase 5 mil unidades.

A especialização só funciona em um mercado que permite aos especialistas trocar seus bens e serviços, e Smith explicou que a atividade econômica era uma forma de cooperação mutuamente benéfica (um jogo de soma positiva, no jargão

atual): cada um recebe em troca algo que é mais valioso para si do que aquilo que cedeu. Por meio dessa permuta voluntária, as pessoas beneficiam outras beneficiando a si mesmas; como ele escreveu, “não é da benevolência do açougueiro, do cervejeiro ou do padeiro que esperamos o nosso jantar, e sim da consideração de cada qual pelo seu próprio interesse. Em vez de apelarmos à sua humanidade, dirigimo-nos ao seu autointeresse”. Smith não quis dizer que as pessoas são de um egoísmo implacável, nem que deveriam ser; ele foi um dos mais perspicazes analistas da solidariedade humana em toda a história. Apenas afirmou que, em um mercado, a tendência de um indivíduo a cuidar de sua família e de si mesmo pode atuar em benefício de todos.

A troca pode tornar toda uma sociedade não apenas mais rica, como também mais cordial, pois em um mercado eficaz é mais barato comprar do que roubar as coisas, e as outras pessoas lhe têm mais serventia vivas do que mortas. (Como sugeriria séculos mais tarde o economista Ludwig von Mises: “Se o alfaite entrar em guerra com o padeiro, dali por diante terá de fazer seu próprio pão”.) Muitos pensadores iluministas, incluindo Montesquieu, Kant, Voltaire, Diderot e o abade de Saint-Pierre, defenderam o ideal do *doux commerce*, o comércio gentil.¹⁹ Os fundadores dos Estados Unidos — George Washington, James Madison e especialmente Alexander Hamilton — projetaram as instituições da jovem nação de modo a favorecer esse modelo.

Isso nos leva a outro ideal do Iluminismo, a paz. A guerra era tão comum na história que era natural vê-la como parte permanente da condição humana e pensar que a paz só poderia vir em uma era messiânica. Hoje, porém, não se interpreta a guerra como uma punição divina a ser suportada e deplorada, nem como uma competição gloriosa a ser vencida e celebrada, e sim como um problema prático a ser mitigado e, um dia, resolvido. Em *A paz perpétua*, Kant enumerou medidas para desencorajar os líderes a arrastar seus países para a guerra.²⁰ Além do comércio internacional, ele recomendou a república representativa (que nós chamaríamos de democracia), a transparência mútua, normas contrárias a conquistas e interferências internas, liberdade para viajar e imigrar, e uma federação de Estados que decida judicialmente as eventuais disputas entre si.

Apesar de toda a presciência de fundadores nacionais, legisladores e *philosophes*, este não é um livro sobre iluminismolatria. Os pensadores iluministas foram homens e mulheres de sua época, o século XVIII. Alguns eram racistas, machistas, antissemitas, escravistas ou duelistas. Algumas das questões que os preocupavam

3. Contrailuminismos

Quem poderia ser contra a razão, a ciência, o humanismo ou o progresso? São palavras doces, expressam ideais inatacáveis. Definem as missões de todas as instituições da modernidade: escolas, hospitais, entidades beneficentes, agências de notícias, governos democráticos, organizações internacionais. Esses ideais precisam mesmo de defesa?

Com certeza. Desde os anos 1960, a confiança nas instituições da modernidade despencou, e a segunda década do século xxi viu a ascensão de movimentos populistas que repudiam com estardalhaço os ideais do Iluminismo.¹ Eles são tribalistas em vez de cosmopolitas, autoritários em vez de democráticos, desprezam especialistas em vez de respeitar o conhecimento e têm saudade de um passado idílico em vez de esperança em um futuro melhor. No entanto, essas reações não se restringem ao populismo político do século xxi (um movimento que examinaremos nos capítulos 20 e 23). Longe de brotar das massas ou de canalizar a ira dos iletrados, o desdém pela razão, pela ciência, pelo humanismo e pelo progresso tem sua longa linhagem na cultura intelectual e artística da elite.

Na verdade, uma crítica comum ao projeto iluminista — a de que é uma invenção ocidental, inadequada ao mundo com toda a sua diversidade — é duplamente equivocada. Para começar, todas as ideias têm de provir de algum lugar, e

o local de nascimento não tem importância para seu mérito. Embora muitas ideias do Iluminismo tenham sido expressas em sua forma mais clara e influente na Europa e nos Estados Unidos no século XVIII, têm raízes na razão e na natureza humana, portanto qualquer ser dotado de razão pode se interessar por elas. É por isso que em muitas épocas da história os ideais do Iluminismo foram expressos em civilizações não ocidentais.²

Contudo, minha principal reação à afirmação de que o Iluminismo é o ideal que norteia o Ocidente é: quem me dera! O Iluminismo foi rapidamente seguido por um contrailuminismo, e o Ocidente está dividido desde então.³ Nem bem as pessoas saíram à luz e já vieram lhes dizer que a escuridão não era tão ruim, afinal de contas, que deviam parar de se atrever a compreender tanto, que os dogmas e as fórmulas mereciam outra chance, que o destino da natureza humana não era o progresso, e sim o declínio.

O movimento romântico exerceu uma força de particular intensidade contra ideais iluministas. Rousseau, Johann Herder, Friedrich Schelling e outros negaram que a razão podia ser separada da emoção, que indivíduos podiam ser considerados fora de sua cultura, que as pessoas deviam apresentar razões para seus atos, que valores aplicavam-se independentemente do lugar e da época e que a paz e a prosperidade eram fins desejáveis. Um ser humano é parte de um todo orgânico — uma cultura, raça, nação, religião, espírito, força histórica —, e as pessoas deveriam canalizar criativamente a unidade transcendente da qual fazem parte. A luta heroica, e não a resolução de problemas, é o bem supremo, e a violência é inerente à nossa natureza e não pode ser tolhida sem drenar a força da vida. “Existem apenas três grupos dignos de respeito”, escreveu Charles Baudelaire, “o sacerdote, o guerreiro e o poeta. Conhecer, matar e criar.”

Parece loucura, mas no século XXI esses ideais contrailuministas continuam a ser encontrados em uma surpreendente variedade de movimentos culturais e intelectuais. A noção de que devemos aplicar nosso raciocínio coletivo em prol da prosperidade e da redução do sofrimento é considerada tola, ingênua, débil, tacanha. Mencionei algumas das alternativas populares a razão, ciência, humanismo e progresso; elas reaparecerão em outros capítulos, e na parte III do livro eu as confrontarei diretamente.

A mais óbvia é a fé religiosa. Ter fé em algo significa acreditar nisso sem uma boa razão; portanto, por definição a fé na existência de entidades sobrenaturais conflita com a razão. As religiões também colidem com o humanismo toda vez

que elevam algum bem moral acima do bem-estar dos seres humanos — por exemplo, na aceitação de um salvador divino, na ratificação de uma narrativa sagrada, na imposição de rituais e tabus, na conversão de outras pessoas para fazerem o mesmo, e punição ou demonização de quem não o fizer. Além disso, religiões podem bater de frente com o humanismo ao valorizar a *alma* mais do que a *vida*, o que não é tão edificante quanto parece. A crença em uma vida após a morte implica que riqueza e felicidade não valem grande coisa, pois a vida na Terra é uma porção infinitesimal da existência, que coagir pessoas a aceitar a salvação é fazer-lhes um favor e que o martírio pode ser a melhor coisa que pode acontecer a alguém. Quanto às incompatibilidades com a ciência, temos as legendárias e as atuais, desde Galileu e o julgamento do macaco de Scopes* até as pesquisas com células-tronco e as mudanças climáticas.

Uma segunda ideia contrailuminista é a de que as pessoas são células descartáveis de um superorganismo — clã, tribo, grupo étnico, religião, raça, classe, nação — e que o bem supremo é a glória dessa coletividade, e não o bem-estar dos membros que a compõem. Um exemplo óbvio é o nacionalismo, no qual o superorganismo é o Estado-nação, isto é, um grupo étnico com um governo. Vemos o conflito entre nacionalismo e humanismo em lemas patrióticos mórbidos como “*Dulce et decorum est pro patria mori*” (É doce e honroso morrer pela pátria) e “Felizes os que com fé resplandecente abraçam juntas a morte e a vitória”.⁴ Até o menos tétrico lema de John F. Kennedy — “Não pergunte o que seu país pode fazer por você, mas o que você pode fazer pelo seu país” — deixa clara a tensão.

Não se deve confundir nacionalismo com valores cívicos, espírito público, responsabilidade social ou orgulho cultural. Os humanos são uma espécie social, e o bem-estar de cada indivíduo depende de padrões de cooperação e harmonia que abrangem uma comunidade. Quando uma “nação” é concebida como um contrato social tácito entre pessoas que compartilham um território, nos moldes de uma associação condominial, é um meio essencial para promover a prosperidade de seus membros. E, obviamente, é admirável que um indivíduo sacrifique seus interesses pessoais em favor dos interesses de muitos. Mas outra coisa é

* Famoso julgamento do professor americano de ensino médio John Scopes por ensinar a teoria da evolução quando a lei do estado do Tennessee proibia a divulgação de ideias contrárias ao criacionismo. (N. T.)

forçar uma pessoa a fazer o sacrifício supremo em benefício de um líder carismático, um retângulo de tecido ou cores num mapa. Tampouco é doce e honroso abraçar a morte para impedir que uma província se separe, expandir uma esfera de influência ou empreender uma cruzada irredentista.

Religião e nacionalismo são causas típicas de conservadorismo político e continuam a afetar o destino de bilhões de pessoas nos países sob sua influência. Muitos colegas de esquerda aplaudiram quando souberam que eu estava escrevendo um livro sobre razão e humanismo, saboreando a perspectiva de um arsenal de argumentos contra a direita. Contudo, não muito tempo atrás a esquerda era simpática ao nacionalismo, quando vinha fundido a movimentos marxistas de libertação. E muitos na esquerda apoiam os políticos identitários e os partidários da justiça social que menosprezam os direitos individuais e privilegiam o igualamento das condições de raça, classe e gênero, vistos como competidores em um jogo de soma zero.

A religião também tem defensores nas duas metades do espectro político. Até mesmo autores que não aceitam defender o conteúdo literal de crenças religiosas podem defender ferozmente a religião e hostilizar a ideia de que a ciência e a razão têm algo a dizer sobre a moralidade (a maioria desses autores não mostra sequer ter consciência de que o humanismo existe).⁵ Os defensores da fé garantem que a religião tem o mandato exclusivo para questões sobre o que realmente importa. Ou que, embora nós, pessoas refinadas, não precisemos de religião para ser morais, as massas prolíficas precisam. Ou que, apesar do fato de que todos estariam melhor sem a fé religiosa, é inútil debater sobre o lugar da religião no mundo porque a religião é parte da natureza humana, motivo por que, zombando das esperanças iluministas, ela se mostra mais tenaz do que nunca. No capítulo 23 examinarei todas essas afirmações.

A esquerda tende a simpatizar com outro movimento que subordina os interesses humanos a uma entidade transcendente: o ecossistema. O quixotesco Movimento Verde vê a captação de energia pelos seres humanos não como um modo de resistir à entropia e promover a prosperidade das pessoas, e sim como um crime hediondo contra a natureza, que fará justiça com uma vingança medonha na forma de guerras por recursos, poluição do ar e da água e mudança climática aniquiladora da civilização. Nossa salvação depende de nos arrependermos, repudiarmos a tecnologia e o crescimento econômico e revertermos a um modo de vida mais simples e natural. Obviamente, nenhuma pessoa bem informada

pode negar que danos a sistemas naturais pela atividade humana são prejudiciais e que, se não tomarmos providências, podem tornar-se catastróficos. A questão é se uma sociedade complexa, tecnologicamente avançada, *está* condenada a não tomar providências. No capítulo 10 examinarei um ambientalismo humanístico, mais iluminista do que quixotesco, às vezes chamado de ecomodernismo ou eco-pragmatismo.⁶

As próprias ideologias políticas de esquerda e de direita tornaram-se religiões seculares que proporcionam às pessoas uma comunidade de irmãos com uma afinidade de ideias, um catecismo de crenças, uma demonologia populosa e uma confiança beatífica na virtude de sua causa. No capítulo 21 veremos como a ideologia política prejudica a razão e a ciência.⁷ Ela enevoa o discernimento, inflama uma mentalidade tribal primitiva e desvia seus adeptos de uma compreensão mais sensata das maneiras de melhorar o mundo. Em última análise, nossos maiores inimigos não são os adversários políticos, e sim a entropia, a evolução (na forma de pestilência e de falhas na natureza humana) e, sobretudo, a ignorância — uma deficiência de conhecimento sobre modos melhores de solucionar nossos problemas.

Os dois últimos movimentos contrailuministas desconsideram a linha divisória entre esquerda e direita. Por quase dois séculos, uma grande variedade de autores proclamou que a civilização moderna, longe de usufruir o progresso, declina a olhos vistos e está à beira do colapso. Em *A ideia de decadência na história ocidental*, o historiador Arthur Herman enumera dois séculos de profetas do fim do mundo que soaram o alarme da degeneração racial, cultural, política ou ecológica. Ao que parece, já faz um bom tempo que o mundo está acabando.⁸

Uma forma de decadentismo deplora o nosso Prometeu que brinca com a tecnologia.⁹ Quando roubamos o fogo dos deuses, só demos à nossa espécie o meio para pôr fim à própria existência, no mínimo envenenando o meio ambiente, mas também deixando soltos no mundo armas nucleares, nanotecnologia, ciberterrorismo, bioterrorismo, inteligência artificial e outras ameaças à existência (capítulo 19). E, mesmo que a nossa civilização tecnológica consiga escapar da aniquilação pura e simples, está descambando para uma distopia de violência e injustiça: um admirável mundo novo de terrorismo, drones, trabalho semiescravo, gangues, tráfico, refugiados, desigualdade, cyberbullying, ataques sexuais e crimes de ódio.

Outra variedade de decadentismo aflige-se com o problema oposto: não que

a modernidade tenha tornado a vida dura e perigosa demais, e sim que a tornou demasiado agradável e segura. Segundo esses críticos, saúde, paz e prosperidade são distrações burguesas que nos afastam daquilo que realmente importa na vida. Ao nos proporcionar esses prazeres filistinos, o capitalismo tecnológico só condenou as pessoas a um vazio aniquilador da alma, atomizado, conformista, consumista, materialista, influenciável, desarraigado, rotinizado. Em sua existência absurda, as pessoas sofrem de alienação, angústia, anomia, apatia, fé equivocada, tédio, mal-estar e náusea; são “homens ociosos comendo seus almoços nus no terreno baldio esperando Godot”.¹⁰ (Examinarei essas ideias nos capítulos 17 e 18.) No crepúsculo de uma civilização decadente, degenerada, a verdadeira libertação será encontrada não numa racionalidade estéril ou num humanismo afetado, mas em um ser-em-si autêntico, heroico, holístico, orgânico, sagrado, vital e na vontade de poder. Caso você se pergunte em que consiste esse heroísmo sagrado, Friedrich Nietzsche, que cunhou o termo “vontade de poder”, recomenda a violência aristocrática das “bestas louras teutônicas” e dos samurais, vikings e heróis homéricos: “Duros, frios, terríveis, sem sentimentos e sem consciência, esmagam tudo e respingam tudo com sangue”.¹¹ (Veremos essa moralidade em mais detalhes no último capítulo.)

Herman observou que os intelectuais e artistas que predizem o colapso da civilização reagem à sua profecia de um dentre dois modos. Os pessimistas históricos temem a queda, mas lamentam serem impotentes para impedi-la. Os pessimistas culturais a saúdam “com um demoníaco *schadenfreude*”.* A modernidade está tão falida que não pode ser melhorada, apenas transcendida, eles dizem. Dos escombros de seu colapso emergirá uma nova ordem que só pode ser superior.

Uma última alternativa ao humanismo iluminista critica a defesa da ciência. Podemos chamar isso de Segunda Cultura, na linha de C. P. Snow: essa é a visão de mundo de muitos intelectuais literários e críticos culturais, que contrasta com a Primeira Cultura da ciência.¹² Snow criticou a cortina de ferro entre as duas culturas e clamou por maior integração da ciência na vida intelectual. Não era apenas o fato de a ciência ser “em sua profundidade, complexidade e articulação intelectual a mais bela e fascinante obra coletiva da mente do homem”.¹³ Conhecer a ciência era um imperativo moral, pois ela podia aliviar o sofrimento em es-

* Deleite com o sofrimento alheio. (N. T.)

cala global curando doenças, alimentando famintos, salvando vidas de crianças e mães e permitindo que as mulheres controlassem sua fertilidade, ele argumentou.

Embora hoje o argumento de Snow pareça presciente, em 1962 uma famosa réplica do crítico literário F. R. Leavis foi tão agressiva que, antes de publicá-la, a revista *The Spectator* precisou pedir a Snow que promettesse não processá-los por difamação.¹⁴ Depois de comentar sobre a “total carência de distinção intelectual e [...] constrangedora vulgaridade de estilo” de Snow, Leavis escarneceu de um sistema de valores no qual o “padrão de vida” é o critério supremo e elevá-lo é o grande objetivo.¹⁵ Como alternativa, sugeriu que “ao compreender a grande literatura, descobrimos em que, no fundo, acreditamos de fato. Para quê... essencialmente para quê? De que vive o homem? — essas são questões eficazes e reveladoras do que só posso chamar de profundidade religiosa de pensamento e sentimento”. (Qualquer um cuja “profundidade de pensamento e sentimento” se estenda a uma mulher de um país pobre que viveu para ver seu recém-nascido porque seu padrão de vida elevou-se, e então multiplique essa solidariedade por algumas centenas de milhões, poderia se perguntar por que “compreender a grande literatura” seria moralmente superior a “elevar o padrão de vida” como critério para aquilo “que, no fundo, acreditamos de fato” — ou por que, afinal, as duas coisas têm de ser vistas como alternativas conflitantes.)

Como veremos no capítulo 22, a perspectiva de Leavis pode ser encontrada hoje em uma vasta parcela da Segunda Cultura. Muitos intelectuais e críticos menosprezam a ciência como nada além de um remédio para problemas corriqueiros. Escrevem como se o consumo da arte da elite fosse o bem moral supremo. Sua metodologia para buscar a verdade consiste não em elaborar hipóteses e citar evidências, mas em emitir pronunciamentos extraídos do seu escopo de erudição e de um hábito vitalício de leitura. Revistas intelectuais criticam regularmente o “cientificismo”, a intrusão da ciência no território das humanidades, por exemplo, na política e nas artes. Em muitas faculdades e universidades, a ciência é apresentada não como a busca de explicações verdadeiras, e sim como apenas mais uma narrativa ou mito. Costuma-se culpar a ciência pelo racismo, pelo imperialismo, pelas guerras mundiais e pelo Holocausto. E ela é acusada de roubar o encantamento da vida e destituir os seres humanos de liberdade e dignidade.

Portanto, o humanismo iluminista está longe de agradar a todos. A ideia de que o bem supremo é usar o conhecimento para aprimorar o bem-estar humano

não entusiasma as pessoas. Explicações profundas sobre o universo, o planeta, a vida, o cérebro? Se não contiverem magia, não queremos acreditar nelas. Salvar a vida de bilhões, erradicar doenças, alimentar os famintos? Que tédio! Pessoas estendendo sua compaixão a toda a humanidade? Não é bom o bastante — queremos que *as leis da física* se importem conosco! Longevidade, saúde, compreensão, beleza, liberdade, amor? A vida precisa ser mais do que isso!

O que mais fica atravessado na garganta, entretanto, é a ideia do progresso. Mesmo quem acha uma boa ideia, em teoria, usar o conhecimento para aprimorar o bem-estar garante que isso nunca funcionará na prática. E diariamente o noticiário corrobora em profusão esse ceticismo: o mundo é retratado como um vale de lágrimas, uma história triste, um pântano de desesperança. Como nenhuma defesa da razão, ciência e humanismo teria valor algum se, 250 anos depois do Iluminismo, não estivéssemos em melhor situação que os nossos ancestrais da Idade das Trevas, é por uma avaliação do progresso humano que precisamos começar a argumentação.

4. Progressofobia

Intelectuais odeiam o progresso. Intelectuais que se intitulam “progressistas” odeiam *muito* o progresso. Não são os *frutos* do progresso que eles odeiam, veja bem: a maioria dos doutos, críticos e seus leitores *bien-pensants* usa computador em vez de pena e tinteiro, e prefere submeter-se a uma cirurgia com anestesia em vez de sem. É a *ideia* de progresso que exaspera a classe loquaz — a crença iluminista de que, entendendo o mundo, podemos melhorar a condição humana.

Para expressar seu desdém, eles criaram todo um léxico de injúrias. Se você acha que o conhecimento pode ajudar a resolver problemas, então tem uma “fê cega” e uma “crença quase religiosa” na “superstição ultrapassada” e na “falsa promessa” do “mito” da “marcha à frente” do “progresso inevitável”. Você é um “animador da torcida” do “vulgar empreendedorismo americano”, com o “eufórico” espírito da “ideologia empresarial” do “Vale do Silício” e da “Câmara de Comércio”. Você é um “historiador Whig”,* um “otimista ingênuo”, uma “Poliana” e, obviamente, um “Pangloss”, uma versão moderna do filósofo do *Cândido* de Voltaire, para quem “tudo é para o melhor no melhor dos mundos possíveis”.

* Estilo de historiografia que apresenta o passado como uma marcha inexorável em direção ao progresso e à liberdade, criticado como teleológico. (N. T.)

Na verdade, o professor Pangloss é o que hoje definiríamos como um pessimista. Um otimista moderno acredita que o mundo poderá ser *muito, muito* melhor do que é hoje. Voltaire satirizava não a esperança de progresso do Iluminismo, mas seu oposto, a racionalização religiosa do sofrimento, chamada teodiceia, segundo a qual Deus não tem escolha a não ser permitir epidemias e massacres porque um mundo sem essas coisas é metafisicamente impossível.

Epítetos à parte, a ideia de que o mundo é melhor do que já foi e pode tornar-se ainda melhor saiu de moda entre a intelectualidade muito tempo atrás. Em *A ideia de decadência na história ocidental*, Arthur Herman mostra que profetas do apocalipse são os astros do currículo de ciências humanas; entre eles temos Nietzsche, Arthur Schopenhauer, Martin Heidegger, Theodor Adorno, Walter Benjamin, Herbert Marcuse, Jean-Paul Sartre, Frantz Fanon, Michel Foucault, Edward Said, Cornel West e um coro de ecopessimistas.¹ Herman faz um levantamento da paisagem intelectual do final do século xx e lamenta a “saída de cena” dos “ilustres expoentes” do humanismo iluminista, aqueles que acreditavam que “como as pessoas geram conflitos e problemas na sociedade, também podem resolvê-los”. Em *História da ideia de progresso*, o sociólogo Robert Nisbet concorda: “O ceticismo quanto ao progresso do Ocidente, antes restrito a um número muito pequeno de intelectuais do século xix, cresceu e se difundiu não apenas pela grande maioria dos intelectuais neste último quarto de século, mas também para muitos milhões de outras pessoas no Ocidente”.²

Sim, não são apenas os que ganham a vida intelectualizando que acham que o mundo vai de mal a pior. São também as pessoas comuns quando entram no modo intelectualoide. Há tempos os psicólogos sabem que as pessoas tendem a ver a própria vida com otimismo: acham que para elas é menor a probabilidade de se tornarem vítimas de um divórcio, uma demissão, um acidente, uma doença ou um crime. Mas mude a pergunta da vida da *pessoa* para a sua *sociedade* e ela se transforma de Poliana em Ió.*

Os pesquisadores de opinião pública chamam isso de disparidade de otimismo.³ Por mais de duas décadas, em tempos bons e ruins, quando pesquisadores perguntaram aos europeus se a sua situação econômica *pessoal* seria melhor ou pior no ano seguinte, a maioria respondia que iria melhorar; porém, quando a

* Ió é um burro cinzento, personagem da turma do Ursinho Pooh, conhecido por ser pessimista e resmungão. (N. T.)

pergunta era sobre a situação econômica de seu país, a maioria dizia que iria piorar.⁴ A maior parte dos britânicos considera a imigração, a gravidez na adolescência, o lixo nas ruas, o desemprego, o crime, o vandalismo e as drogas um problema no Reino Unido como um todo, enquanto poucos acham que são problemas em sua região.⁵ Na maioria dos países, a qualidade ambiental também é considerada pior no país do que na comunidade e pior no mundo do que no país.⁶ Em quase todos os anos, de 1992 a 2015, uma era na qual a taxa de crimes violentos despencou, a maioria dos americanos disse aos pesquisadores que a criminalidade estava em alta.⁷ Em fins de 2015, grandes majorias em onze países desenvolvidos disseram que “o mundo está piorando”, e na maior parte dos últimos quarenta anos uma substancial maioria dos americanos afirmou que o país está “seguindo na direção errada”.⁸

Será que eles têm razão? O pessimismo está certo? Poderia o estado do mundo afundar sem parar, como as listras de um poste de barbearia, que dão a ilusão de girar sempre para baixo? É fácil entender por que as pessoas se sentem assim: todo dia o noticiário vem repleto de informes sobre guerra, terrorismo, crime, poluição, desigualdade, uso abusivo de drogas e opressão. E não estamos falando só nas manchetes; são também os editoriais e as reportagens mais extensas. As capas de revista alertam sobre iminentes anarquias, pragas, epidemias, colapsos e tantas “crises” (na agricultura, saúde, aposentadoria, assistência social, energia, déficit) que os redatores são obrigados a usar termos cada vez mais veementes no lugar da redundante “crise grave”.

Independentemente de o mundo estar ou não piorando de verdade, a natureza das notícias interage com a natureza da cognição para nos fazer pensar que sim. O noticiário fala de coisas que acontecem, não de coisas que não acontecem. Nunca vemos um jornalista dizer para a câmera “Falamos ao vivo de um país onde não eclodiu uma guerra” — ou de uma cidade que não foi bombardeada, ou de uma escola onde não aconteceu um ataque a tiros. Enquanto as coisas ruins não tiverem desaparecido da face da Terra, sempre haverá incidentes o bastante para preencher o noticiário, ainda mais quando bilhões de celulares transformam a maior parte da população mundial em repórteres policiais e correspondentes de guerra.

Além disso, entre as coisas que acontecem, as positivas e as negativas seguem tecnologias diferentes. O noticiário, longe de ser “um primeiro esboço da história”, lembra mais os comentários de programas de esportes para cada partida:

concentra-se em eventos isolados, em geral os que ocorreram desde a última edição (antigamente, no dia anterior; hoje, segundos antes).⁹ Coisas ruins podem acontecer rapidamente, mas coisas boas não se fazem em um dia; por isso, não ocorrem em sincronia com o ciclo do noticiário. Johan Galtung, que faz pesquisas sobre a paz, salientou que, se um jornal fosse publicado apenas de cinquenta em cinquenta anos, não noticiaria meio século de fofocas sobre celebridades ou escândalos políticos. Informaria sobre as mudanças globais mais importantes, como o aumento na expectativa de vida.¹⁰

A natureza do noticiário tende a distorcer a visão de mundo das pessoas devido à falha mental que os psicólogos Amos Tversky e Daniel Kahneman chamam de heurística da disponibilidade: as pessoas estimam a probabilidade de um evento ou a frequência de um tipo de coisa pela facilidade com que esses tipos de caso lhes vêm à mente.¹¹ Em muitas ocasiões na vida, essa é uma regra prática útil. Eventos frequentes deixam traços de memória mais fortes, por isso lembranças mais fortes geralmente indicam eventos mais corriqueiros: você de fato está pisando em terreno sólido quando supõe que nas cidades os pombos são mais comuns do que os papafigos, apesar de recorrer às suas memórias de encontros com esses animais, e não a um censo de aves. Contudo, sempre que uma lembrança aparece no alto da lista de resultados do mecanismo de busca da mente por outras razões que não a frequência — porque é recente, vívida, sangrenta, nítida ou perturbadora —, as pessoas superestimarão sua probabilidade no mundo. Na língua inglesa, quais palavras são mais numerosas, as que começam com *k* ou as que têm *k* na terceira posição? Muitos falantes do inglês acham que são as primeiras. Na verdade, porém, existem três vezes mais palavras com *k* na terceira posição (*ankle, ask, awkward, bake, cake, make, take...*), mas as palavras são recuperadas na memória por seus sons iniciais, por isso *keep, kind, kill, kid* e *king* têm maior probabilidade de vir à mente com mais prontidão.

Os erros de disponibilidade são uma fonte comum de tolices no raciocínio humano. Calouros do curso de medicina interpretam toda erupção na pele como sintoma de uma doença exótica, e turistas não entram na água depois de terem ouvido falar de um ataque de tubarão ou de terem acabado de assistir ao filme de Spielberg com esse título.¹² Desastres de avião sempre viram notícia, mas acidentes de carro, que matam muito mais pessoas, dificilmente são noticiados. Não é de surpreender que muitas pessoas tenham medo de viajar de avião, mas quase nenhuma se apavore com a ideia de dirigir um carro. As pessoas pensam que os

tornados (que matam cerca de cinquenta americanos por ano) são uma causa de morte mais comum do que a asma (que mata mais de 4 mil americanos por ano), presumivelmente porque os tornados dão mais audiência na televisão.

É fácil ver por que a heurística da disponibilidade, insuflada pela política da mídia “Se tem sangue, a notícia é boa”, pode induzir um sentimento de pessimismo quanto ao estado do mundo. Pesquisadores dos meios de comunicação que computam vários tipos de notícias ou apresentam aos editores um cardápio de possíveis reportagens para ver quais escolherão e como as exibirão confirmam que, mantendo os eventos constantes, os responsáveis pelo que vai ser noticiado preferem a cobertura negativa à positiva.¹³ Isso, por sua vez, fornece uma fórmula fácil para os pessimistas na página de editorial: faça uma lista das piores coisas que estão acontecendo em qualquer parte do planeta nesta semana e teremos uma defesa impressionante do argumento de que a civilização nunca esteve tão ameaçada quanto agora.

As consequências de notícias negativas também são negativas. O público que as recebe em profusão, longe de ficar mais bem informado, torna-se descalibrado. Essas pessoas se preocupam mais com a criminalidade mesmo quando os índices estão caindo, e às vezes se desligam por completo da realidade: uma pesquisa de 2016 revelou que a grande maioria dos americanos acompanha atentamente as notícias sobre o Estado Islâmico (EI), e 77% concordam que “os militantes islâmicos em ação na Síria e Iraque representam uma ameaça grave à existência ou sobrevivência dos Estados Unidos” — uma crença nada menos do que delirante.¹⁴ Os consumidores de notícias negativas ficam deprimidos, como seria de esperar: um levantamento recente da literatura especializada citou “percepção errônea de risco, ansiedade, níveis de humor mais baixos, desamparo aprendido, desprezo e hostilidade pelos outros, dessensibilização e, em alguns casos, [...] recusa total a ver o noticiário”.¹⁵ E se tornam fatalistas, dizem coisas como “Para que votar? Não ajuda nada”, ou “Eu poderia doar dinheiro, mas na semana que vem vai haver outra criança morrendo de fome”.¹⁶

Sabendo como os hábitos jornalísticos e os vieses cognitivos agravam-se mutuamente, como podemos avaliar com sensatez o estado do mundo? A resposta é: *contando*. Quantas pessoas são vítimas de violência em proporção ao número de seres humanos vivos? Quantas estão doentes, quantas são vítimas da fome, quantas são pobres, quantas são oprimidas, quantas são analfabetas, quantas são infelizes? E esses números estão aumentando ou diminuindo? A perspectiva quan-

titativa, apesar de sua aura nerd, é na verdade a mais moralmente iluminista, pois trata todas as vidas humanas como dotadas do mesmo valor, em vez de privilegiar as pessoas que nos são próximas ou as que são mais fotogênicas. E traz a esperança de que possamos identificar as causas do sofrimento e, assim, descobrir quais medidas têm maior probabilidade de reduzi-lo.

Esse foi o objetivo de meu livro *Os anjos bons da nossa natureza*, de 2011, no qual apresentei uma centena de gráficos e mapas mostrando que a violência e as condições que a promovem declinaram ao longo da história. Para ressaltar que os declínios ocorreram em épocas diferentes e tiveram causas distintas, eu os nomeei. O “Processo de Pacificação” foi uma redução em cinco vezes na taxa de mortes decorrentes de ataques e inimizades tribais, a consequência de Estados exercendo controle eficaz sobre um território. O “Processo Civilizador” foi uma redução em quarenta vezes nas taxas de homicídio e outros crimes violentos, decorrente da consolidação do estado de direito e de normas de autocontrole nos primeiros tempos da Europa moderna. “Revolução Humanitária” é outro nome para a abolição da escravidão, perseguição religiosa e castigos cruéis na era iluminista. “Longa Paz” é o termo com que os historiadores designam o declínio da guerra entre grandes potências e das guerras civis após a Segunda Guerra Mundial. Depois do fim da Guerra Fria, o mundo tem desfrutado de uma “Nova Paz”, com menos guerras civis, genocídios e autocracias. E, desde os anos 1950, uma avalanche de Revoluções por Direitos percorre o planeta: direitos civis, direitos das mulheres, direitos dos homossexuais, direitos das crianças, direitos dos animais.

Poucos desses declínios são contestados por especialistas que estão a par dos números. Os estudiosos da criminologia histórica, por exemplo, concordam que os homicídios despencaram depois da Idade Média, e os analistas de relações internacionais estão mais do que cientes da redução do número de guerras importantes após 1945. No entanto, a maioria das pessoas leigas do mundo surpreende-se ao saber desses fatos.¹⁷

Pensei que um desfile de gráficos com o tempo no eixo horizontal, a contagem de corpos ou outras medidas de violência no vertical, e uma linha sinuosa descendo do alto à esquerda até embaixo à direita curaria o público do viés da disponibilidade e o persuadiria de que, pelo menos nessa esfera do bem-estar, o mundo progrediu. Mas as perguntas e objeções das pessoas me fizeram ver que a resistência à ideia de progresso é ainda mais poderosa do que falácias estatísticas. Obviamente, qualquer conjunto de dados é um reflexo imperfeito da realidade;

portanto é legítimo questionar se os números são de fato acurados e representativos. Contudo, as objeções revelaram não apenas um ceticismo com relação aos dados, mas também um despreparo para a *possibilidade* de a condição humana melhorar. Muita gente não possui as ferramentas conceituais para avaliar se houve ou não progresso; a própria ideia de que as coisas podem melhorar não faz sentido para essas pessoas. Eis algumas versões estilizadas de diálogos que tive com muitos dos questionadores.

Então a violência declinou linearmente desde o começo da história! Impressionante!

Não, não “linearmente” — seria espantoso se qualquer medida do comportamento humano, com todas as suas vicissitudes, declinasse de forma regular segundo uma quantidade constante por unidade de tempo, década após década e século após século. E também não monotonicamente (o que talvez os questionadores tivessem em mente): isso significaria que essa medida sempre declinaria ou se manteria igual, e nunca aumentaria. Curvas históricas reais mostram oscilações, subidas, picos e às vezes guinadas vertiginosas. Entre os exemplos temos as duas guerras mundiais, uma explosão da criminalidade em países ocidentais desde meados dos anos 1960 até o começo dos 1990 e uma alta substancial em guerras civis no mundo em desenvolvimento na esteira da descolonização nos anos 1960 e 1970. O progresso consiste em tendências da violência, nas quais essas flutuações são sobrepostas: uma queda brusca ou um declínio lento, um retorno a uma linha de base baixa após uma alta temporária. Nem sempre o progresso pode ser monotônico, pois as soluções para problemas criam novos problemas.¹⁸ Mas o progresso pode ser retomado quando os novos problemas forem resolvidos.

A propósito, o caráter não monotônico dos dados sociais fornecem uma fórmula fácil para os meios de comunicação acentuarem o lado negativo. Se forem desconsiderados todos os anos nos quais um indicador de algum problema declinou e cada subida for informada (já que, afinal de contas, ela é “notícia”), os leitores terão a impressão de que a vida vai cada vez pior em vez de melhor. Nos seis primeiros meses de 2016, o *New York Times* usou esse truque por três vezes, com números sobre longevidade e mortes por suicídio e acidentes de automóvel.

Ora, se os níveis de violência nem sempre caem, isso significa que são cíclicos; portanto, mesmo que estejam baixos neste momento, é só questão de tempo para que voltem a subir.

Não. As mudanças ao longo do tempo podem ser estatísticas, com flutuações

imprevisíveis, sem ser *cíclicas*, isto é, sem oscilar como um pêndulo entre dois extremos. Em outras palavras, mesmo que seja possível ocorrer uma reversão a qualquer momento, isso não significa que ela se torna mais provável com o passar do tempo. (Muitos investidores perderam tudo porque apostaram em um “ciclo econômico” — um termo muito mal escolhido — que na verdade consiste em guinadas imprevisíveis.) O progresso pode ocorrer quando as reversões de uma tendência positiva tornam-se menos frequentes, menos pronunciadas ou, em alguns casos, cessam totalmente.

Como você pode dizer que a violência diminuiu? Não leu sobre o tiroteio na escola (ou o homem-bomba, ou o ataque com granada, ou a briga de torcidas de futebol, ou o esfaqueamento na pista de dança) no noticiário de hoje?

Declínio não quer dizer desaparecimento. (A afirmação “ $x > y$ ” é diferente da afirmação “ $y = 0$ ”.) Uma coisa pode diminuir muito sem desaparecer por completo. Isso significa que o nível de violência no dia de hoje é *totalmente irrelevante* para a questão de a violência ter ou não declinado ao longo da história. O único modo de responder a essa pergunta é comparar o nível de violência atual com o nível de violência no passado. E, sempre que você examina o nível de violência no passado, encontra-o muito alto, apesar de não estar tão fresco na memória quanto a manchete da manhã.

Todas essas estatísticas bonitinhas sobre a queda da violência não significam nada se você for uma das vítimas.

Certo, mas elas significam que é menor a probabilidade de você *ser* uma vítima. Por essa razão, são importantíssimas para os milhões de pessoas que não são vítimas, mas teriam sido se as taxas de violência tivessem permanecido iguais.

Então você está dizendo que todos podemos ficar sossegados porque a violência vai acabar por si mesma.

Ilógico, capitão. Se você vir que um monte de roupa suja diminuiu, isso não significa que as roupas se lavaram sozinhas. Significa que alguém as lavou. Se um tipo de violência diminuiu, então alguma mudança no meio social, cultural ou material causou o declínio. Se as condições persistirem, a violência pode permanecer baixa ou decrescer ainda mais; do contrário, não cairá. Por isso é importante descobrir quais são as causas, para que possamos tentar intensificá-las e aplicá-las de modo mais abrangente a fim de assegurar que o declínio da violência continue.

Dizer que a violência diminuiu é ser ingênuo, sentimental, idealista, quixotesco, crédulo, utópico, poliânico, panglossiano.

Não. Examinar dados que mostram um declínio da violência e afirmar que “a violência diminuiu” é constatar um fato. Examinar dados que mostram que a violência diminuiu e dizer “a violência aumentou” é delirar. Desconsiderar dados sobre a violência e insistir que “a violência aumentou” é ser um ignorante completo.

Quanto às acusações de quixotesco, posso replicar com certa confiança. Também sou autor do nada quixotesco e antiutópico *Tábula rasa: A negação contemporânea da natureza humana*, livro no qual afirmei que a evolução equipou os seres humanos com várias motivações destrutivas como cobiça, luxúria, dominação, vingança e autoengano. Mas acredito que as pessoas também são munidas de um senso de solidariedade, de uma capacidade para refletir sobre seu sofrimento e de faculdades de conceber e compartilhar novas ideias — os anjos bons da nossa natureza, nas palavras de Abraham Lincoln. Somente examinando os fatos podemos saber em que grau os nossos anjos bons prevalecem sobre os nossos demônios interiores em determinada época e lugar.

Como você pode prever que a violência continuará a diminuir?

A afirmação de que determinada medida da violência declinou não é uma “teoria”, e sim a observação de um fato. E, sim, o fato de que uma medida mudou com o passar do tempo não é sinônimo de uma previsão de que continuará a mudar nessa direção o tempo todo e para sempre. Como se exige que seja dito nos anúncios de investimentos, o desempenho passado não é garantia de resultados futuros.

Nesse caso, de que adiantam todos esses gráficos e análises? Uma teoria científica não tem de fazer suposições passíveis de ser testadas?

Uma teoria científica faz previsões em experimentos nos quais as influências causais são controladas. Nenhuma teoria pode fazer uma predição sobre o mundo como um todo, com 7 bilhões de pessoas disseminando ideias virais em redes globais e interagindo com ciclos caóticos de clima e recursos. Declarar o que o futuro reserva em um mundo incontrolável, e sem saber a razão de os eventos ocorrerem como ocorrem, não é previsão, é *profecia*; e, como observa David Deutsch: “A mais importante de todas as limitações à criação de conhecimento é não sermos capazes de profetizar: não podemos prever o conteúdo de ideias que

ainda serão concebidas, nem seus efeitos. Essa limitação não é apenas condizente com o crescimento ilimitado do conhecimento: é acarretada por ele".¹⁹

Obviamente, a incapacidade de profetizar não é pretexto para desconsiderar os fatos. Uma melhora em alguma medida do bem-estar humano sugere que, de modo geral, mais coisas foram impelidas na direção certa do que na direção errada. Se devemos ou não esperar que o progresso continue, vai depender de conhecermos ou não que forças são essas e por quanto tempo permanecerão atuando. Isso vai variar para cada tendência. Algumas poderão mostrar-se mais condizentes com a lei de Moore (o número de transistores por chip de computador duplica a cada dois anos) e dar margem à confiança (mas não certeza) de que os frutos do engenho humano se acumularão e o progresso continuará. Algumas podem ser como o mercado de ações e pressagiar flutuações de curto prazo, mas ganhos de longo prazo. Destas, algumas podem refletir uma distribuição estatística de "cauda gorda", na qual eventos extremos, ainda que menos prováveis, não podem ser excluídos.²⁰ Outras ainda podem ser cíclicas ou caóticas. Nos capítulos 19 e 21 examinaremos previsões racionais em um mundo incerto. Por ora, devemos ter em mente que uma tendência positiva sugere (mas não prova) que estamos fazendo alguma coisa direito e que devemos nos empenhar para identificar que coisa é essa e fazer cada vez mais.

Quando todas essas objeções são refutadas, muitas vezes vejo as pessoas quebrarem a cabeça para encontrar *algum* modo de mostrar que a notícia não pode ser tão boa quanto os dados sugerem. Em desespero, apelam para a semântica.

Provocação na internet não é uma forma de violência? Mineração a céu aberto não é uma forma de violência? Desigualdade não é uma forma de violência? Poluição não é uma forma de violência? Pobreza não é uma forma de violência? Consumismo não é uma forma de violência? Divórcio não é uma forma de violência? Publicidade não é uma forma de violência? Estudos estatísticos não são uma forma de violência?

Por mais fascinante que seja uma metáfora como expediente retórico, não se trata de um bom modo de avaliar o estado da humanidade. O raciocínio moral requer proporcionalidade: maldades proferidas no Twitter podem causar chateação, mas não equivalem ao tráfico de escravos ou ao Holocausto. Requer também distinguir retórica de realidade. Invadir um centro de assistência a vítimas de estupro e indagar o que está sendo feito a respeito do estupro do meio ambiente não ajuda nem as vítimas de estupro nem o meio ambiente. Por fim, melhorar o

mundo requer compreensão de causa e efeito. Embora instituições morais primitivas tendam a agrupar todas as coisas ruins e encontrar um vilão culpado por todas, não existe nenhum fenômeno coerente de “coisas ruins” que possamos procurar entender a fim de eliminar (a entropia e a evolução as geram em abundância). Guerra, crime, poluição, pobreza, doença e incivilidade são males que podem ter pouco em comum e, se quisermos reduzi-los, não podemos recorrer a jogos de palavras que impossibilitam até mesmo discuti-los individualmente.

Enumerarei essas objeções com o objetivo de preparar o caminho para minha apresentação de outras medidas do progresso humano. A reação incrédula a *Antes bons* convenceu-me de que não é apenas a heurística da disponibilidade que torna as pessoas fatalistas com relação ao progresso. Tampouco podemos culpar totalmente a predileção da mídia pelas más notícias em sua cínica busca pela atenção do público. Não: as raízes psicológicas da progressofobia são mais profundas.

A mais profunda é um viés que foi resumido em um lema: “O mal é mais forte do que o bem”.²¹ Essa ideia pode ser compreendida através de uma série de experimentos mentais sugerida por Tversky.²² Quanto você é capaz de se imaginar sentindo-se melhor do que neste momento? Quanto você é capaz de se imaginar sentindo-se pior? Ao responder a primeira conjectura, a maioria de nós consegue imaginar um pouco mais de elasticidade em nossos passos ou de brilho nos olhos, mas a resposta à segunda é: infinitamente. Essa assimetria de humor pode ser explicada por uma assimetria na vida (um corolário da lei da entropia). Quantas coisas poderiam acontecer hoje que deixariam você em uma situação muito melhor? Quantas coisas poderiam acontecer que lhe deixariam muito pior? Mais uma vez, para responder à primeira pergunta poderíamos citar ganhar na loteria ou ter alguma grande sorte, porém a resposta à segunda é: incontáveis. Mas não precisamos depender da imaginação. A literatura psicológica confirma que as pessoas temem muito mais perder do que anseiam por ganhar, que se demoram ruminando um revés muito mais do que saboreando uma boa sorte, e que se magoam muito mais com críticas do que se animam com elogios. (Como psicólogo, sou impelido a acrescentar que a língua inglesa tem muito mais palavras para emoções negativas do que para positivas.)²³

Uma exceção ao viés da negatividade é encontrada na memória autobiográfica-

fica. Embora sejamos propensos a recordar tanto eventos ruins quanto bons, a coloração negativa dos infortúnios, em especial os que nos acometeram, desbota com o tempo.²⁴ Temos uma tendência inata a sentir saudade: na memória humana, o tempo cura a maioria das feridas. Duas outras ilusões nos levam ao equívoco de pensar que as coisas não são mais como antes: confundimos os fardos crescentes da maturidade e da criação dos filhos com um mundo menos inocente, e confundimos um declínio em nossas faculdades com um declínio dos tempos.²⁵ Como afirmou o colunista Franklin Pierce Adams: "Nada é mais responsável pelos bons tempos do que uma memória ruim".

A cultura intelectual deveria empenhar-se em contrabalançar nossos vieses cognitivos, porém no mais das vezes os reforça. A cura para o viés da disponibilidade é o pensamento quantitativo, mas o professor de literatura Steven Connor observou que "nas artes e humanidades existe um consenso sem exceções acerca do horroroso avanço do domínio dos números".²⁶ Essa "acalculia ideológica, e não accidental" leva autores a concluir, por exemplo, que, como hoje ocorrem guerras e no passado ocorreram guerras, "nada mudou" — porém não reconhecem a diferença entre uma era com um punhado de guerras que matam coletivamente aos milhares e uma era com dezenas de guerras que mataram coletivamente aos milhões. E isso não lhes permite avaliar os processos sistêmicos que pouco a pouco acrescentam melhoras incrementais no decorrer de um longo tempo.

A cultura intelectual também não está equipada para lidar com o viés da negatividade. Pelo contrário, nosso estado de alerta para notícias ruins abre um mercado para rabugentos profissionais que nos chamam a atenção para coisas más que possam ter passado despercebidas. Experimentos mostraram que um crítico que desanca um livro é visto como mais competente do que um crítico que elogia a obra, e o mesmo pode valer para os críticos da sociedade.²⁷ "Sempre preveja o pior, e será aclamado profeta", aconselhou o humorista musical Tom Lehrer. Pelo menos desde a época dos profetas hebreus, que mesclavam críticas sociais com advertências sobre desastres, o pessimismo é igualado à seriedade moral. Os jornalistas acreditam que, ao acentuarem o negativo, estão cumprindo seu dever de vigiar, investigar, informar e afligir os acomodados. E os intelectuais sabem que podem alcançar a importância instantânea apontando um problema não resolvido e teorizando que se trata de um sintoma de uma sociedade doente.

O inverso também vale. O autor da área de finanças Morgan Housel notou

que, enquanto os pessimistas parecem estar tentando ajudar você, os otimistas dão a impressão de querer vender alguma coisa.²⁸ Sempre que alguém oferece uma solução para um problema, críticos se apressam a frisar que não se trata de uma panaceia, uma bala de prata, um projétil mágico ou uma solução universal; é apenas um paliativo ou um remédio tecnológico rápido que não afeta as raízes do mal e produzirá efeitos colaterais e consequências impremeditadas. Evidentemente, como nada é uma panaceia e tudo tem efeitos colaterais (é impossível fazer uma coisa só), esses tropos comuns não passam de recusas para cogitar a possibilidade de que alguma coisa pode ser melhorada.²⁹

O pessimismo na intelligentsia também pode ser uma forma de estar por cima. Uma sociedade moderna é uma liga das elites política, industrial, financeira, tecnológica, militar e intelectual, todas competindo por prestígio e influência e com diferentes responsabilidades no funcionamento da sociedade. Reclamar da sociedade moderna pode ser um modo oblíquo de desmerecer os rivais: de acadêmicos sentirem-se superiores a empresários, empresários sentirem-se superiores a políticos etc. Como observou Thomas Hobbes em 1651, “a competição de elogios tende a reverenciar a antiguidade, pois os homens disputam com os vivos, não com os mortos”.

É claro que o pessimismo tem seu lado bom. O círculo expandido de solidariedade traz preocupações sobre males que nos passariam despercebidos em épocas mais insensíveis. Hoje reconhecemos a guerra civil na Síria como uma tragédia humanitária. As guerras de décadas anteriores — por exemplo, a Guerra Civil na China, a partição da Índia e a Guerra da Coreia — raramente são lembradas dessa forma, apesar de terem matado e desalojado mais pessoas. Quando eu era garoto, o bullying era considerado uma parte natural da fase de crescimento. Era inimaginável que, algum dia, o presidente dos Estados Unidos faria um discurso sobre os males dessa prática, como fez Barack Obama em 2011. À medida que nossa preocupação se estende a uma parte maior da humanidade, tendemos a confundir os males que vemos à nossa volta com sinais de que o mundo decaiu mais, e não de que os nossos critérios se elevaram.

No entanto, a própria negatividade inflexível pode ter consequências impremeditadas, e recentemente algumas pessoas na imprensa começaram a ressaltá-las. Na esteira da eleição americana de 2016, os jornalistas do *New York Times* David Bornstein e Tina Rosenberg refletiram sobre o papel da mídia no resultado chocante:

Trump foi beneficiário de uma crença — quase universal no jornalismo americano — de que “notícia séria” é definida essencialmente como “o que está errado”. [...] Por décadas, o enfoque incessante do jornalismo sobre problemas e patologias aparentemente incuráveis veio preparando o solo que permitiu que as sementes de insatisfação e desesperança de Trump criassem raízes. [...] Uma consequência é que, hoje, muitos americanos têm dificuldade para imaginar, valorizar e até acreditar na promessa da mudança incremental do sistema, o que leva a um maior apetite por mudança revolucionária e brusca.³⁰

Bornstein e Rosenberg não apontam para os culpados de costume (TV a cabo, redes sociais, comediantes que satirizam a política); em vez disso, identificam a origem na mudança ocorrida entre as eras Vietnã e Watergate — passando de glorificar governantes a refrear seu poder, e então extrapolando os limites e adentrando o terreno do cinismo indiscriminado, em que tudo nos atores cívicos do país convida a agressões humilhantes.

Se as raízes da progressofobia residem na natureza humana, estou sugerindo que essa tendência vem aumentando devido a uma ilusão do viés da disponibilidade? Antecipemos os métodos que usarei no resto do livro e examinemos uma medida objetiva. O cientista de dados Kalev Leetaru aplicou uma técnica chamada análise de sentimentos a cada matéria publicada no *New York Times* entre 1945 e 2005 e a um arquivo de reportagens traduzidas e transmissões radiofônicas de 130 países entre 1979 e 2010. A análise de sentimentos avalia o tom emocional de um texto computando o número e os contextos de palavras com conotações positivas e negativas, como *bom*, *agradável*, *terrível* e *pavoroso*. A figura 4.1 mostra os resultados. Desconsiderando os sacolejos e as ondas que refletem as crises do dia, vemos que a impressão de que as notícias tornaram-se mais negativas com o passar do tempo é real. O *New York Times* tornou-se invariavelmente mais sombrio desde o começo dos anos 1960 até o começo da década seguinte, animou-se um pouco (mas bem pouco) nos anos 1980 e 1990, e então despencou em uma disposição de espírito cada vez mais sombria na primeira década do novo século. Também no resto do mundo o tom dos noticiários anuviou-se progressivamente desde fins dos anos 1970 até nossos dias.

Então de fato o mundo rolou ladeira abaixo durante essas décadas? Mantenha a figura 4.1 em mente enquanto examinamos o estado da humanidade nos próximos capítulos.

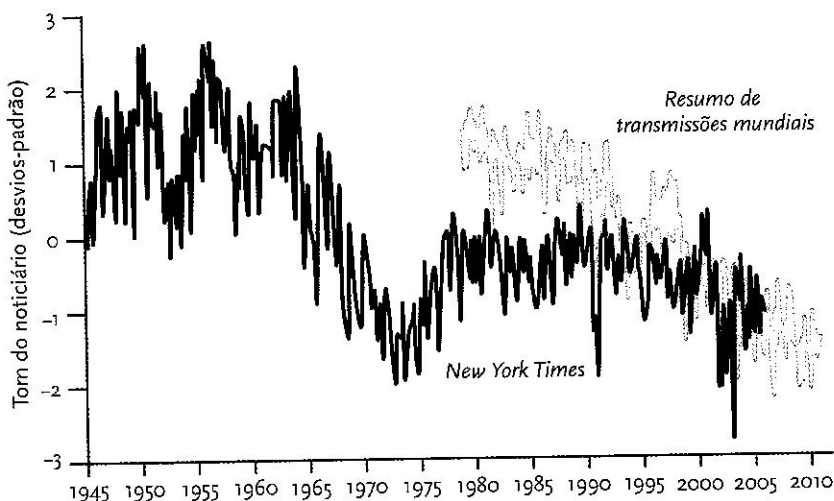


Figura 4.1: Tom do noticiário, 1945-2010.

FONTE: Leetaru, 2011. Dados mensais a partir de janeiro.

O que é progresso? Você poderia pensar que se trata de uma pergunta tão subjetiva e culturalmente relativa que nunca poderá ser respondida. Na verdade, é uma das mais fáceis de responder.

A maioria das pessoas concorda que vida é melhor do que morte. Saúde é melhor do que doença. Sustento é melhor do que fome. Abundância é melhor do que pobreza. Paz é melhor do que guerra. Segurança é melhor do que perigo. Liberdade é melhor do que tirania. Direitos iguais são melhores do que intolerância e discriminação. Inteligência é melhor do que estupidez. Felicidade é melhor do que tristeza. Oportunidades de usufruir a família, os amigos, a cultura e a natureza é melhor do que uma labuta incessante e a monotonia.

Todas essas coisas podem ser medidas. Se aumentaram com o tempo, isso é progresso.

É bem verdade que nem todos concordariam a respeito dos pontos dessa lista. Tais valores são reconhecidamente humanísticos e deixam de fora virtudes religiosas, românticas e aristocráticas como salvação, graça, sacralidade, heroísmo, honra, glória e autenticidade. Mas a maioria concordaria que temos aí um ponto de partida necessário. É fácil enaltecer valores transcendentais no abstrato, porém a maioria das pessoas prioriza vida, saúde, segurança, letramento, sustento e estímulo pela óbvia razão de que são um requisito prévio para tudo o mais. Se você está

lendo isto, não está morto, famélico, paupérrimo, moribundo, apavorado, escravizado e não é analfabeto, portanto não está em posição de esnobar esses valores, nem de negar que outras pessoas deveriam ter a mesma boa sorte que você tem.

Acontece que esses valores são consenso no mundo. No ano 2000, todos os 189 membros das Nações Unidas, juntamente com mais de vinte organizações internacionais, concordaram sobre oito Objetivos de Desenvolvimento do Milênio para o ano de 2015 que se encaixam com perfeição nessa lista.³¹

E eis a grande surpresa: *o mundo fez um progresso espetacular em todas as medidas de bem-estar humano*. E a segunda surpresa: *quase ninguém sabe disso*.

É até fácil encontrar informações sobre o progresso humano, apesar de estarem ausentes dos principais meios de comunicação e de publicações intelectuais especializadas. Os dados não estão sepultados em relatórios áridos, e sim exibidos em esplêndidos sites na internet, em especial Our World in Data, de Max Roser, Human-Progress, de Marian Tupy e Gapminder, de Hans Rosling. (Rosling descobriu que nem mesmo engolir uma espada durante uma TED Talk em 2007 era suficiente para chamar a atenção do mundo.) O argumento foi apresentado em livros primorosos, alguns escritos por autores laureados com o prêmio Nobel, que alardeiam a notícia no título: *Progresso, O paradoxo do progresso, Infinite Progress* [Progresso infinito], *The Infinite Resource* [O recurso infinito], *O otimista racional*, *The Case for Rational Optimism* [Em defesa do otimismo racional], *Utopia para realistas*, *Mass Flourishing* [Prosperidade em massa], *Abundância*, *The Improving State of the World* [A melhora do estado do mundo], *Getting Better* [Melhorando], *The End of Doom* [O fim da perdição], *The Moral Arc* [O arco moral], *The Big Ratchet* [A grande catraca], *A grande saída*, *The Great Surge* [O grande surto], *The Great Convergence* [A grande convergência].³² (Nenhuma dessas obras foi reconhecida com um prêmio importante, sendo que, no período em que foram lançadas, quatro livros sobre genocídio, três sobre terrorismo, dois sobre câncer, dois sobre racismo e um sobre extinção receberam o prêmio Pulitzer de não ficção.) E, para aqueles cujos hábitos de leitura privilegiam as listas, os anos recentes trouxeram “Cinco boas notícias surpreendentes que ninguém está divulgando”, “Cinco razões pelas quais 2013 foi o melhor ano da história humana”, “Sete razões por que o mundo parece pior do que realmente é”, “26 tabelas e gráficos para mostrar que o mundo está melhorando muito”, “40 modos como o mundo está melhorando” e a minha favorita: “50 razões pelas quais estamos vivendo no melhor período da história”. Examinemos algumas dessas razões.